

COMO O JORNALISMO CONTRIBUI PARA A ALFABETIZAÇÃO DA SOCIEDADE PARA QUE ESTA CONSUMA AS IMAGENS DE FORMA CIDADÃ

Daiana Patricia Follman Pasquim: é acadêmica de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo na FADEP (Faculdade de Pato Branco). Esse artigo foi produzido durante o sétimo período, na disciplina de Cinema, sob orientação do professor Doutor Toni André Scharlau Vieira. Daiana atua na Rádio Itapuã, Am 890 KHz; na Televisão canal 10 como auxiliar de produção e apresentação; produz roteiros áudio-visuais para a A1 Produções. E-mail: daipasquim@hotmail.com

Toni André Scharlau Vieira: é nascido em Sapucaia do Sul, RS. Graduiu-se em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos - São Leopoldo, RS). É doutor pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). É Coordenador do Curso de Jornalismo da Faculdade de Pato Branco, FADEP, onde também é professor. E-mail: toniandre@fadep.br

Resumo: o texto discute a idéia de que o jornalista tem a obrigação de saber como "escrever com a imagem", pois a prática cotidiana de sua profissão mexe com o imaginário das pessoas. Essa produção deve ser feita de forma criteriosa. Não existe uma pedagogia pronta para entender as imagens, por isso os sujeitos devem desenvolvê-la e é o jornalista o profissional que pode contribuir para isso.

Palavras-chave: jornalismo, imagens, alfabetização, sociedade e cidadania.

Abstract: the text interpose the idea the journalist must know how to write with images, since the day-by-day activities of his occupation move around people's imagination. This has to be made in a judicious way. There is no ready pedagogy to understand images, so the subject must develop his own sense of judgment. The journalist is the professional.

Key Words: journalism, images, teaching, society and citizenship

**Como o jornalismo contribui
para a alfabetização da sociedade
para que esta consuma as imagens de forma cidadã**

Daiana Patrícia Follman Pasquim

Toni André Scharlau Vieira

“A experiência artística é fundamental à formação harmoniosa da personalidade”, diz RIBEIRO (2003), quando fala de educação cinematográfica. Para ele, a educação cinematográfica deve ser aprendida na escola (tanto no ensino fundamental como no médio e no superior) como função de cidadania e defesa contra a manipulação da mídia. Além disso, RIBEIRO (2003) defende que “se torna necessário desenvolver o espírito crítico do espectador que permite julgar e apreciar a obra fílmica”. Acredito que a arte é algo que vem de dentro do âmago de cada um. O fato de aprender a se expressar através de imagens, ou até mesmo de compreender as mensagens incutidas neste ou naquele contexto de vídeo é uma experiência que exige reflexão e gosto. Além de persistência, para aqueles que sentem um pouco de dificuldade em absorver mensagens. O autor alerta que será impraticável, em curto prazo, não saber ler e escrever a linguagem da imagem em movimento.

Existe a alfabetização através da imagem e, aliás, temos que sair da faculdade sabendo ‘escrever’ com a imagem. Claro que

alguns têm mais habilidades para tal, porém, de qualquer forma, se torna de fundamental importância para entender o cotidiano nas entrelinhas, quando se é capaz de decifrar o que determinada imagem tenta transmitir.

Ribeiro tem um conceito bastante humano de educação. Para ele, o ensino-aprendizagem do cinema e da linguagem cinematográfica permite vitalizar a aquisição de conhecimentos, potencializar formas de expressão e desenvolver o senso crítico.

O jornalismo, particularmente, está dissolvido no cotidiano das pessoas, já que vai buscar acontecimentos e fontes no âmbito social. Mesmo quando a literatura se insere no contexto jornalístico, é na sociedade que ela vai buscar fontes de inspiração, portanto, nada mais justo que o jornalismo contribua para melhorar essa leitura de mundo, principalmente se for considerado que esse canal é também formador de opinião. Mas como fazer isso?

Já são conhecidos os diversos gêneros jornalísticos e, entre eles, está o jornalismo de opinião. Essa pode ser uma das formas de se abrir a mente dos leitores a cerca deste ou daquele fato, mas há de se convencer também de que esse meio não é a melhor forma de atingir a grande massa, tendo visto que um grupo seletivo vai se decidir por determinado colunista. A crítica pode ser válida, mas, ao mesmo tempo, limitada.

Existe, hoje, uma grande preocupação em atingir o público jovem e isso é visível no texto de Eduardo Ribeiro. Para ele, é

fundamental que a juventude seja alfabetizada cinematograficamente.

Acredito ser difícil existir essa ou aquela forma pedagógica para ensinar ver imagens de forma mais crítica. Assim como a arte, o cinema também vai exigir esforços diferentes das pessoas para compreendê-lo. É uma questão pessoal e resultante da análise de uma série de fatores, como, por exemplo, o contexto cultural em que esse sujeito está inserido, assim como sua localização geográfica, seu ambiente e, até mesmo, seu iso musical¹. Coisas simples, como: se onde vive é calmo, tem muito barulho, existe sofrimento, existe luta e persistência, etc. É necessário entender que há uma gama de fatores interferindo no momento de formar um sujeito aberto ou não às formas de arte, como é o caso de uma alfabetização cinematográfica.

A própria experiência jornalística mostra visitas a bicos sem saídas, retratações da miséria humana e atos impiedosos. O que deve fazer o jornalista? Omitir certas imagens? Mostrá-las a olho nu? Instigar a curiosidade das pessoas? Muito se reclama sobre algumas cenas que são transmitidas pelos veículos audiovisuais, que respondem a uma *agenda setting*, sugerindo que as pessoas devem se programar para vê-las. Imagine, então, um veículo como a

¹ Iso musical - De acordo com a musicoterapeuta Cheila Piacessi, a música atinge regiões do corpo que a palavra não chega. Então, o gosto musical vai depender de muitas situações, entre hereditariedade e história cultural. Trata-se do chamado iso musical, ou seja, o ambiente sonoro em que a pessoa está inserida. PASQUIM, Daiana. Musicoterapia proporciona equilíbrio emocional. Jornal de Pato Branco. Pato Branco: Ed. 052, 26 set., 2003.

internet, que tem inúmeras possibilidades multimídia, com um leque de informações que podem ser acessadas no tempo e no espaço que cada um desejar.

Mas nossa análise se encontra na instância de como fazer com que a sociedade consuma as imagens de forma cidadã. Então, estamos diante de outro impasse. Alguns teóricos defendem que as pessoas gostam de ver imagens espetaculares. É o que procuram e é o que vende. Mas, acredito que o grau de envolvimento e comoção ao ver imagens desastrosas depende da condição de proximidade que o sujeito tem com o acontecimento. Se for global, a pessoa pode até impressiona-se, comover-se pelas vítimas, mas o fato não o afeta diretamente. Do contrário, se é local, as situações se aproximam e o sujeito se comove. Quanto a desenvolver o juízo crítico, acho uma questão muito interessante e até crucial no tocante a entender as mensagens das imagens, mas volto no que citei anteriormente, quando afirmei pensar que não existe fórmula pedagógica para entender imagens de uma mesma forma.

Talvez a educação cinematográfica seja mais eficaz quando o acontecimento é local, pois as pessoas se envolvem diretamente com os fatos. Para Eduardo Ribeiro, educar é contribuir para o desenvolvimento harmonioso de uma pessoa por meio de boas relações. Entretanto, nem sempre é possível chegar às pessoas somente fatos harmoniosos. O jornalismo propriamente, se feito de forma harmoniosa, representa, por vezes, falta de pauta. O autor acredita que a atividade educativa se dá no cotidiano e, nesse ponto,

concordo com ele, desde que seja uma educação feita de forma real e não mascarada, querendo mostrar apenas o que é harmonioso, pois nem o mundo e nem o jornalismo são assim.

Em contrapartida, GERBASE (1998, p. 41), autor do texto *Pedagogia da Imagem*, tem uma visão mais crítica que Eduardo Ribeiro. Ele defende que "a imagem não pode ser assunto apenas dos profissionais que as fabricam nos estúdios e dos intelectuais que as dissecam nas academias".

Os autores concordam que, em determinado momento, o ato de ler as imagens deve ser ensinado nas escolas. Mas, nesse ponto, a mídia sofre de um problema: se as pessoas forem educadas para enxergar apenas o que elas consideram bom, como ficam a aceitação e os picos de audiência? O que fazer se as pessoas souberem como uma imagem pode ser manipulada? Talvez, assim, as publicidades deixem de surtir o mesmo efeito que têm hoje e nem mesmo as notícias possam convencer como convencem hoje, ou seja, como o próprio GERBASE (1998) comenta, é "meter o dedo na ferida".

Mas, por que o medo de deixar as pessoas tornarem-se inteligentes? Por que agir como os governantes que precisam desesperadamente de votos e vão às comunidades mais carentes para manipular e consegui-los? Por que a televisão e o cinema agem de forma mascarada, às vezes? Talvez esses fatores possam explicar porque Gerbase utiliza o termo: "analfabetos da imagem".

Gerbase tem uma visão extremamente crítica e cética em relação às discrepâncias entre texto jornalístico e publicitário, pois para o autor, existem poucas diferenças entre eles. Essa não é, então, uma possível forma de afirmar que o papel de educar através do cotidiano também deve ser atribuído ao publicitário? Dessa forma, como fica a venda dos produtos? Será que, falando a verdade, as mensagens sobre os produtos serão transmitidas de forma tão massificada como acontece agora?

Quando ele questiona se os profissionais de comunicação estão saindo da graduação como profissionais da imagem, volto a questão de saber escrever com a imagem, comentada no início deste texto.

Para trabalhar esta questão, Gerbase propõe seis lições. A primeira aponta que as imagens no cinema e no vídeo são, igualmente, manipuláveis; a segunda expõe o poder da edição, pois numa enquete, por exemplo, a opinião do povo quase sempre é decidida pelo ato de ligar ou não a câmara; a terceira chama a atenção para o fato de que as tecnologias de produção e distribuição da imagem estão se integrando aos conceitos de velocidade, tão comuns na nossa contemporaneidade.

Como quarta lição, Gerbase apresenta a idéia de que separar arbitrariamente a 'verdade jornalística' da 'campanha publicitária' vale pouco para a palavra escrita; na quinta lição, ele avalia que os profissionais da imagem precisam ser os primeiros alunos; já a sexta e última lição é que, felizmente, ainda não

estamos condenados ao império da imagem telecomandada. Essa, sem dúvida, é a melhor parte do texto de Gerbase. Ele comenta que há uma esperança, pois alguns profissionais estão sendo formados de forma humanizada. Sua lição 6 é a melhor de todas. Acredito que o jornalismo feito de forma real pode ajudar na construção de cidadãos pensantes em relação às imagens e aos textos que têm acesso.

O assunto é bastante sério e requer urgência na ampliação do debate. SENRA (1997, p. 15) pede "que não se tome mais o mundo das imagens como o ponto do mundo real, o seu mais temido algoz". A jornalista e ensaísta defende que o "universo das imagens deve ser visto como fenômeno contemporâneo a solicitar novas atitudes tanto da parte dos jornalistas quanto do seu público".

Estudar, investigar, aprofundar. Estes, entre outros verbos, são bastante conhecidos dos jornalistas. Cabe agora ao conjunto dos profissionais do campo da comunicação conjugá-los para ter o público, os consumidores de imagens e produtos midiáticos em geral, como parceiros de uma aventura que quer, tão somente, ter (cada vez mais!) idéias e imagens, nas mãos e nas cabeças.

1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Antonio Cláudio. **Telejornalismo, Internet e Guerrilha Tecnológica**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a Televisão: **A influência do Jornalismo e os jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

GERBASE, Carlos. Por uma pedagogia da imagem. **Tendências na Comunicação**. Porto Alegre: L&PM, p. 38 – 45, 1998.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Comunicação e Controle Social**. 4ª Edição. Petrópolis, RJ, Vozes: 1995.

PASQUIM, Daiana Patrícia F. Musicoterapia proporciona equilíbrio emocional. **Jornal de Pato Branco**. Ed. 052: Pato Branco, 26 de setembro de 2003.

RIBEIRO, Eduardo Jaime Torres. **Alfabetização cinematográfica e audiovisual**. Disponível em: www.apagina.pt . Acesso em: 20/08/2003.

SENRA, Stella. **O último jornalista: imagens de cinema**. São Paulo: Estação Liberdade, 1997